

A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde

Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação

The “in-depth interview” or “semi-structured interview” in the context of health

Epistemological dilemmas and challenges of its construction and application

Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, SC, Brasil

carmenloom@gmail.com

Resumo - Tendo como pano de fundo os princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa, o presente trabalho tem por objetivo problematizar a entrevista em profundidade ou semiestruturada, utilizada em nível individual e/ou grupal, no contexto da saúde. Apresentam-se três pontos de discussão: 1. Tensionamento epistemológico/metodológico entre instrumento e número de participantes; 2. Reflexões necessárias sobre o entendimento das características da entrevista à luz da temática a ser investigada; e 3. A importância do planejamento, construção e contextualização da entrevista centrada no foco de investigação, considerando a observação participante e a sensibilização das questões norteadoras. Destaca-se a constante busca da potencialidade desse instrumento, sempre à luz da posição epistemológica norteadora do estudo, para, assim, evitar cair em um “sincretismo epistemológico” que pode vir a colocar em xeque a produção de conhecimento científico e a qualidade das propostas metodológicas de um estudo.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Entrevista em profundidade, Epistemologia qualitativa.

Abstract - Taking as reference the epistemological principles of qualitative research, this study aimed to discuss the in-depth interview or semi-structured used in individual and /or group level, in the health context. We present three points of discussion: 1. Epistemological and methodological conflict between instrument and number of participants, 2. Reflections on the necessary understanding of the interview characteristics according to thematic being investigated, and 3. The importance of planning, construction and contextualization the interview focused on the research problem, considering the participant observation and awareness of leading questions. It is concluded on the importance of constant search capability of this instrument, always with regard to guiding the study epistemological position, so as to avoid falling into a "syncretism epistemological" that may put into question the production of scientific knowledge and the quality of the methodological proposals of a study.

Keywords – qualitative research, depth interview, Epistemology qualitatives.

I. INTRODUÇÃO

“La narração é vida vivida” [1]

A proposta deste artigo assenta-se na produção de trabalhos vinculados ao Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no contexto da área da saúde e suas interfaces com as áreas da família e comunidade, sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, por mais de uma década de estudos. Nesse período, foi possível observar tanto o crescimento da produção de conhecimento, decorrente desta modalidade de investigação, como o processo de aperfeiçoamento de instrumentos e técnicas de análise de dados, com o surgimento de *softwares*, que possibilitam a realização de análises exaustivas das experiências humanas, por meio de suas narrativas.

Concomitante a isto, as temáticas de investigação, foco da abordagem qualitativa, foram se ampliando e se insurgindo dada sua complexidade, sua singularidade, os contextos e as tramas relacionais em que os sujeitos convidados a participar das pesquisas se encontravam. Um exemplo disto são os temas como a violência e a morte, que representam, em certa medida, dilemas extremos da experiência humana e que foram sendo objeto de estudos da abordagem qualitativa, exigindo do pesquisador uma árdua reflexão para melhor adentrar em contextos de grande tensionamento da experiência humana, principalmente no contexto da saúde.

Tendo como pano de fundo esse cenário de experiências e estudos, é que “o fazer” da pesquisa qualitativa constitui-se num campo cotidiano de reflexões, tanto para dar conta de uma produção de conhecimento coerente com os seus princípios epistemológicos norteadores como para a produção de

conhecimento, com a necessária relevância científica e social. Por sua vez, busca-se o necessário “rigor científico”, neste caso, entendido como a coerência entre pressupostos epistemológicos do estudo, a construção do problema de pesquisa, o protagonismo das experiências dos sujeitos da investigação e a transparência da leitura dos dados coletados, expressas por meio da organização e interpretação dos mesmos, por parte do pesquisador. Assim, o objetivo do presente estudo é problematizar a entrevista em profundidade ou semiestruturada, utilizada em nível individual e/ou grupal, no contexto da saúde.

II. TENSIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO/METODOLÓGICO ENTRE A NATUREZA DA PESQUISA, O INSTRUMENTO E O NÚMERO DE PARTICIPANTES

Entende-se que a escolha de utilizar a investigação qualitativa deve passar, necessariamente, pela reflexão de seus princípios epistemológicos e do ângulo central, que é a busca dos significados atribuídos à experiência humana; significados estes que vêm à tona por intermédio da proposta de entrevista qualitativa em profundidade e/ou semiestruturada. Nesse sentido, o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, como um instrumento de coleta de dados, constitui-se num “espaço relacional privilegiado”, onde o pesquisador busca o protagonismo do participante. Será nesse espaço, criado e proposto pelo investigador, que o participante expressará livremente suas opiniões, vivências e emoções que constituem suas experiências de vida, cabendo ao pesquisador o controle do fluxo das mesmas.

Dadas as peculiaridades da entrevista, principalmente no contexto da saúde, ela se coaduna aqui com as dimensões que sustentam os princípios epistemológicos da ação na pesquisa qualitativa [1]. Entende-se que o reconhecimento dos mesmos permite ao pesquisador um melhor posicionamento tanto frente ao fenômeno investigado como a todo o processo de construção da pesquisa em si. O primeiro princípio refere-se à dimensão construtiva-interpretativa do processo de produção de conhecimento científico. Assim, na busca pelo significado das experiências, o conhecimento apresenta-se como um produto possível, engendrado por interpretações e reconstruções elaboradas ao longo de cada estudo [2].

A segunda dimensão proposta aponta para o necessário reconhecimento da “intersubjetividade” presente na pesquisa qualitativa, quando acena para a dimensão interativa da produção de conhecimento e a participação do observador no fenômeno observado. Esta dimensão defronta-se com a busca constante da coerência do pesquisador com a realidade pesquisada. Por sua vez, o terceiro princípio diz respeito à importância do reconhecimento da singularidade na produção de conhecimento científico[2]. Tendo em vista a idiossincrasia processos de constituição dos sujeitos, a pesquisa qualitativa não se legitima pela quantidade de participantes e sim pela qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização de seus relatos. Assim, quando se analisam em profundidade os dados em seu conjunto, buscam-se as regularidades temáticas e os significados atribuídos às mesmas.

Acredita-se que, somando essas dimensões, faz-se necessário incluir a dimensão contextual, como a condição inerente ao fazer do pesquisador qualitativo. Esta dimensão no processo de construção e aplicação de uma entrevista em profundidade ou semiestruturada adquire papel decisivo nos rumos da entrevista e influenciará a produção de narrativas. Entende-se o contexto da entrevista como um terreno “gerador de significados” que influenciam diretamente a mesma.

Cumprido destacar que, ao falar da dimensão contextual, faz-se referência aos diferentes contextos que são transversais à entrevista. Assim, encontram-se o contexto cultural, o contexto regional, o contexto socioeconômico, o contexto do local da entrevista e o contexto da entrevista propriamente dita. Tendo como referência a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano,[3] pode-se afirmar que na entrevista qualitativa convergem significados oriundos dos diferentes contextos do desenvolvimento humano, e que, necessariamente, um pesquisador qualitativo deve estar atento, visto que de maneira direta ou indireta estão influenciando decisivamente a construção dos significados dos participantes da investigação.

Considera-se que a compreensão e reflexão em torno dessas dimensões, por ocasião da leitura de trabalhos científicos que utilizam essa perspectiva, permitem visualizar um real tensionamento no campo da produção de conhecimento e até certo desconhecimento dos mesmos. A confusão epistemológica mais frequente no contexto da saúde é quando o autor de um trabalho científico de natureza qualitativa afirma que as limitações do estudo se assentam na impossibilidade de generalização dos dados, colocando como justificativa o número de participantes e os resultados obtidos da análise das narrativas.

Ou seja, avalia-se o resultado final de um trabalho por meio dos pressupostos de outra abordagem metodológica que não a qualitativa. Isto deixa em evidência que a natureza do trabalho qualitativo fica subordinada ao aspecto instrumental, (utilização de entrevista semiestruturada); no entanto, a leitura dos dados que emergem de sua análise é realizada preservando a postura quantitativa na construção de conhecimento.

Este tensionamento epistemológico é evidenciado quando da utilização dos métodos quantitativos em conjunto com os qualitativos. Acredita-se que a utilização dos métodos combinados enriquece a leitura de fenômeno pesquisado, pois permite a aproximação mais acurada do tema em estudo em contextos complexos, na medida em que permite integrar diferentes perspectivas. Entende-se, por sua vez, que este é um grande desafio a superar no contexto da pesquisa no campo da saúde e que requer maior reflexão, uma vez que se observa, na produção de trabalhos denominados de quanti-quali uma fragmentação do estudo. Isto decorre pela subordinação da singularidade/significado/qualidade da experiência a uma interpretação, eminentemente numérica e/ou absoluta, acompanhada por um linguajar impregnado da metodologia quantitativa, ao se referir ao qualitativo.

Assim, propõe-se a utilização de ambas as abordagens, pela potencialidade que cada uma delas tem, mas, o pesquisador/autor de um trabalho científico, tem que deixar claro os fundamentos epistemológicos teóricos principais que

norteiam o estudo, à luz de suas matrizes teóricas, e que devem, necessariamente, coadunar-se com os princípios epistemológicos da metodologia utilizada, evidenciando qual o lugar da abordagem escolhida no método do estudo, respeitando as singularidades e linguagens de cada uma. Nesse sentido, também é importante informar ao leitor, no momento da discussão dos dados, a integração dos resultados, evidenciando os questionamentos que ambas tentaram responder respeitando suas diferenças epistemológicas.

Outro tensionamento, observado no campo da produção de conhecimento da pesquisa qualitativa, é com relação ao número total de participantes de um estudo, que serão; este aspecto tem levado a colocar sob suspeita a qualidade dos dados obtidos e as imprecisões de cunho epistemológico, mencionados anteriormente. Coaduna-se com estudiosos do tema [4], [5], [6], [7], [8] sobre o número total de participantes de um estudo qualitativo, que depende diretamente de vários aspectos para atingir o que se denomina de saturação dos dados, tais como: a) o referencial teórico utilizado, b) o recorte do estudo, expresso no objetivo principal do estudo, c) a profundidade que se deseja (numero questões principais e complementares) e d) as características dos participantes, no que diz respeito à sua homogeneidade.

A relação entre a entrevista em profundidade e o número final de participantes, no contexto da pesquisa, ainda é um tema que tem consensos diferentes e que giram em torno da idéia da saturação de dados. Assim, temos autores que apontam que o número de participantes numa pesquisa qualitativa, seria até 20[9], 14[8] e 12[7] participantes. Destaca-se aqui o criterioso estudo [7] apresentado sobre o número de participantes em amostras não intencionais, tendo como referência o conceito de saturação de dados, utilizando a perspectiva quantitativa. Após análises de 60 entrevistas em profundidade sobre o mesmo tema e numa população homogênea, observaram que o ponto de saturação era atingido a partir da décima segunda entrevista, sendo que elementos básicos da saturação já se evidenciavam nas seis primeiras entrevistas. A variabilidade nos dados seguiu padrões semelhantes. Entende-se que a décima segunda entrevista pode ser um parâmetro interessante para avaliar a necessidade de produzir mais entrevistas em profundidade, em relação ao objetivo central de investigação que se deseja atingir.

Por sua vez, chama a atenção o fato de todas as referências bibliográficas apresentadas neste artigo, terem utilizado sempre a palavra “amostra”, para se referir ao total de participantes. O conceito de amostra assenta-se no universo da pesquisa quantitativa e responde a princípios probabilísticos/estatísticos de ocorrência de um fenômeno.. Associado a isto, utiliza-se, também, no contexto da pesquisa qualitativa o conceito de “estudo piloto”, ferramenta importante na pesquisa experimental, que se sustenta também em bases estatísticas para sua realização e que tem como produto final testar os instrumentos de uma investigação quantitativa.

No contexto da investigação qualitativa, sugere-se utilizar a expressão “participantes e/ou sujeitos” em substituição a “amostra” e, no caso de “estudo piloto”, empregar “estudo de sensibilização”, o qual visa analisar se as questões de uma

entrevista em profundidade têm a potencialidade de gerar narrativas em torno de um objetivo principal. Estes assinalamentos são com o intuito de melhor nomear o fazer na pesquisa qualitativa, evitando a ambiguidade no seu entendimento, derivado da utilização de terminologias que não respondem, epistemologicamente, às bases de produção de conhecimento da abordagem qualitativa.

III. REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE O ENTENDIMENTO DAS CARACTERÍSTICAS DA ENTREVISTA À LUZ DA TEMÁTICA A SER INVESTIGADA

Entende-se que a entrevista, seja ela em profundidade, seja semiestruturada, no contexto da pesquisa qualitativa, respeitando as devidas adequações para o contexto individual e grupal, junto à observação do participante de campo constituem-se nos dois principais instrumentos de coleta de dados, visto que permitem trazer à tona informações de ângulos diferentes tanto do contexto, como sobre o fenômeno investigado, o que permite a melhor compreensão e integralização dos dados quando da ocasião do seu processo de análise. Nesse sentido, considera-se a utilização de ambos (a entrevista e a observação) como uma combinação necessária, visando à melhor contextualização dos dados.

Conforme mencionado, a entrevista é entendida como um “espaço relacional” que se caracteriza por uma proposta de diálogo e/ou conversações a respeito de um tema específico. É consenso entre os estudiosos da pesquisa qualitativa [4], [5], [6], [10], [11], [12] que a entrevista é uma proposta de diálogo do pesquisador com o participante. Nesse sentido, é um espaço relacional sustentado pelos interesses do pesquisador e, de certo modo, inesperado/desconhecido e até em determinadas situações desconcertantes, para o participante, dentro do seu cotidiano de vida. Entendem-se esses aspectos como estruturais da entrevista e que é sobre eles que se constroem as questões norteadoras de uma investigação, assim como os critérios da observação dos participantes de campo.

Esta condição estrutural da entrevista terá uma relação direta com a interpretação do pesquisador sobre as características relacionadas a ela, apontadas pela bibliografia científica reconhecida a respeito do tema, e que são: “profundidade”, “semiestruturada ou esquema não rígido”, “flexibilidade”, baseadas nas quais o pesquisador enveredará ações para deixar fluir a narrativa. Entende-se a entrevista em “profundidade ou semiestruturada” quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação.

Nesses questionamentos que giram em torno de um item norteador será possível observar o que se denomina de “flexibilidade” na postura do pesquisador, os quais, necessariamente, devem estar ancorados na narrativa do participante. Entende-se que é essa postura que subsidiará a técnica de aplicação da entrevista em profundidade como

instrumento. Assim, a entrevista “não busca respostas verdadeiras, mas sim, subjetivamente, sinceras.” [4]

Dessa maneira, quando um investigador qualitativo realiza, conscientemente, perguntas complementares em busca de melhor explicação sobre determinados temas, é com o intuito de acolher sua diretriz principal que é a busca de compreensão e o sentido das narrativas, visando melhor adentrar na construção dos significados atribuídos à experiência de vida dos entrevistados. Nesse sentido, quem controlará o fluxo da narrativa após as indagações do pesquisador será o participante, visto que suas respostas serão abertas, sem respostas preestabelecidas, cabendo ao pesquisador o controle desse fluxo, visando mantê-lo em torno do objetivo de pesquisa proposto.

Tendo como cenário as afirmações mencionadas, observa-se, na produção de conhecimento, no contexto das pesquisas qualitativas em saúde, a deturpação do que é flexibilidade numa entrevista em profundidade ou semiestruturada. Diante da falta de itens norteadores claros em torno do objetivo principal proposto, realizam-se diversas perguntas complementares que buscam confirmar a expectativa ou conhecimento do pesquisador, mais do que a busca de sentido da experiência do “outro”. Em outras situações, o roteiro de perguntas é constituído, na maior parte, por questões que fecham a busca de uma resposta aberta, tornando-se uma espécie de interrogatório, que atende aos interesses do pesquisador e que não buscam os sentidos presentes nas narrativas.

De certa maneira o fato de se afirmar que a entrevista não é estruturada, que é necessária flexibilidade nos questionamentos e que tem que buscar as respostas do participante, permite a criação de um “campo de especulações”. Este campo refere-se à forma e ao conteúdo, totalmente condicionado a uma falta de reflexão mais acurada das características da entrevista, e que se defronta com a responsabilidade e o dilema ético do “cuidado com o outro”, visto que se está adentrando em histórias de vida e as emoções a ela inerentes, sem um propósito claro.

Nesse sentido e reconhecendo que a entrevista vai se configurando na medida em que ela acontece e sujeita às imprevisibilidades das características pessoais do participante e do contexto, torna-se necessária a apropriação do bom entendimento destas características da entrevista em profundidade ou semiestruturada, para dar melhor protagonismo às experiências de vida e a seus significados, âmbito principal da pesquisa qualitativa. Assim, a compreensão dessas características deve fazer parte da postura do pesquisador em campo, para assim melhor acolher o “outro” e as imprevisibilidades presentes nesse espaço relacional.

IV. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO, DA CONSTRUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA CENTRADAS NO FOCO DE INVESTIGAÇÃO

As reflexões apresentadas nos pontos anteriores são consideradas transversais e acompanham todo o processo da investigação qualitativa, entendendo que se afetam mutuamente e que terão uma influência decisiva na construção da entrevista

em profundidade, lembrando, como mencionado anteriormente, que é o pesquisador que a propõe.

Uma metáfora interessante relacionada à entrevista em profundidade refere-se a ela como uma “representação teatral frente ao participante” em que o êxito dependerá do grau de “legitimação” de tal representação por parte do entrevistado e do grau de “perfeição” com o que o desempenhe [4]. Assim, o sucesso no processo de interação que ali acontece e que é a base da entrevista, terá que se assentar necessariamente na coerência de ambos os aspectos mencionados.

A metáfora incita a várias reflexões em torno do planejamento, da construção, contextualização e aplicação da entrevista e, por sua vez, leva a pensar quantos participantes serão necessários para que a “representação teatral” tenha o mesmo êxito junto a eles. Num primeiro momento, destaca-se o processo de construção dos itens norteadores de uma entrevista. Estes devem ser sustentados tanto por meio da fundamentação teórica de referência e revisão de literatura relacionada como pelas características dos contextos na qual a entrevista se desenvolverá, pelo objetivo principal e os específicos relacionados ao fenômeno a ser investigado. Nesse sentido, sugere-se a definição clara de cada item norteador.

Num segundo momento, tendo esse tripé como referência para cada item, sugere-se a construção de perguntas principais e complementares. Estas perguntas devem assentar-se na melhor redação possível, pois o êxito dependerá da forma e do conteúdo da pergunta. Também, o tipo de pergunta deverá ser considerada, no sentido de que um bom roteiro-guia, além perguntas interrogativas abertas, deverá ter questões que sinalizem para a descrição da experiência como também questões reflexivas ou problematizadoras, sendo que estas últimas deverão ser utilizadas na medida em que a narrativa do participante se desenvolve e para as quais o pesquisador deve estar atento.

O roteiro que emerge após sua construção tem como âmbito principal o de provocar a narrativa e, por sua vez, controlar o fluxo de um diálogo, em torno do foco principal de investigação. Isto não significa determinar as respostas do investigado; significa que o pesquisador deve apropriar-se de um roteiro temático possível e que deverá ter como referência principal no momento da aplicação.

Seguindo a ideia da metáfora anteriormente mencionada, todo o processo de construção da entrevista, poderia ser entendido como o trabalho de bastidores de uma produção teatral. O que se observa na produção de conhecimento relacionado à pesquisa qualitativa é que isto é pouco descrito, seja por considerar a informação desnecessária, seja pelo espaço dado às publicações em periódicos científicos. Assim, quando se analisam os resultados de um trabalho científico qualitativo não fica claro para o leitor como se chegou às conclusões do estudo, devido à falta de apresentação clara dos seus itens norteadores.

O terceiro momento a destacar na construção da entrevista em profundidade é o seu treino prévio junto a outro pesquisador ou integrante de uma equipe de pesquisa, conhecedor do objetivo de pesquisa. Considera-se esta

recomendação como muito importante na medida em que é por intermédio de um role playing da entrevista, que o pesquisador terá a primeira sensibilização com relação ao roteiro. Na entrevista confluem três processos concomitantes e que se afetam mutuamente: a) o processo social de interação interpessoal, b) o processo técnico de coleta de dados e c) o processo instrumental de gravar e/ou registrar a informação [4].

Nessa perspectiva, na realização de role playing da entrevista, o pesquisador pode ter acesso prévio a estes três processos e, principalmente, à dimensão da comunicação verbal, de certo modo subliminar ou pouco aprofundado no processo da entrevista em profundidade, e que se assenta no primeiro axioma da Pragmática da Comunicação Humana que “é impossível não comunicar”, ou seja, sempre estamos nos comunicando, seja na fala ou no silêncio [13]. Nesse sentido, o processo de construção da entrevista implica, sim, o necessário reconhecimento da dimensão não verbal, e isto é possível perceber por meio da proposta de role playing da entrevista. O objetivo é que o pesquisador busque uma coerência entre a forma e o conteúdo das questões, pois a comunicação não verbal pode vir a interferir na verbal e vice-versa, gerando ambiguidade na mensagem que se deseja transmitir ao participante da pesquisa.

No que diz respeito ao processo de aplicação da entrevista, implica outro momento diferente que, igual ao anterior, exige os cuidados necessários para que ela aconteça. Aqui, efetivamente, o pesquisador entra em cena e deve envidar todos os esforços para a busca de protagonismo do participante, mediante uma postura acolhedora e motivadora e, fundamentalmente, de respeito ao tempo próprio do paciente, seja nos questionamentos que pode realizar buscando o sentido do encontro, seja respeitando os silêncios e/ou forma como o participante expressa suas experiências de vida.

Relacionado a isto, chama a atenção tanto a forma e o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como o momento no qual é lido. Sabe-se que o TCLE se assenta na preocupação da “ética do cuidado do outro”, e sua leitura é importante para colocar de forma clara o objetivo da conversação e os direitos do participante com relação à sua participação na entrevista. Também chama a atenção o cuidado em saber traduzir de forma clara os objetivos e os motivos do pesquisador com relação à elaboração da pesquisa. Este cuidado se deve ao fato de a linguagem científica se afastar, em muito, da linguagem cotidiana, fazendo com que a leitura de um objetivo científico pareça, muitas vezes, sem sentido para o participante.

Aqui, destaca-se a pesquisa realizada com o objetivo de compreensão e da legibilidade do TCLE, no âmbito de pesquisa clínicas, no contexto da saúde, por meio de revisão integrativa, que aborda estudos em português, espanhol e inglês [14]. Os resultados apontaram que a maioria dos estudos analisados, confirma a hipótese de que os participantes da pesquisa não compreendem o que leem no TCLE, sendo que foram relacionados a isso fatores como o nível de escolaridade dos participantes e a linguagem utilizada. Por sua vez, os autores afirmam que a grande quantidade de estudos relacionados ao TCLE, aplicados na área da assistência à

saúde, a quantidade de estudos relacionados ao TCLE de pesquisas clínicas é muito reduzido no meio científico. Este dado remete à reflexão necessária e importante sobre as questões debatidas pela bioética no contexto da saúde, e, especificamente neste artigo, à influência do TCLE, na configuração do espaço relacional da entrevista, no contexto qualitativo.

Entende-se que na preparação para a aplicação da entrevista, precisa ser considerada a forma de se adequar o conteúdo necessário de um TCLE para uma linguagem simples e clara, expondo principalmente, de modo conciso e objetivo, quais as motivações que levaram o pesquisador a propor a conversação e a relevância social do tema. Assim, esse momento da leitura do TCLE, adaptado ao participante, atua como um aquecimento para a entrada no tema propriamente dito, que se deseja abordar na entrevista.

Durante o processo da entrevista, chama a atenção especialmente o fluxo da narrativa do participante, sem perder de vista o roteiro, mantendo o foco no tema proposto, interferindo quando se observa a dispersão dos temas. Esta precaução deve-se eminentemente ao “cuidado com o outro”, ao respeito pela história que o participante está compartilhando com o pesquisador e por saber que, inevitavelmente, essas histórias vêm acompanhadas dos mais variados matizes emocionais e/ou da expressão de sentimentos, para os quais o pesquisador preparado deve estar atento, até para interromper a entrevista, quando assim entender. Conforme mencionado anteriormente, um dos aspectos que faz parte da entrevista é a sua imprevisibilidade na condição de emergência de narrativas inesperadas; e é para isto que todo pesquisador qualitativo deve estar eticamente atento.

O término da entrevista é considerado um momento peculiar, pois é quando se pode avaliar o efeito do diálogo proposto pelo pesquisador. Recomenda-se fortemente que o participante avalie a entrevista, o processo e indague se ele gostaria de acrescentar algo que considera importante ao tema. Os dados que vêm do fechamento, na maioria das vezes, permitem melhor integralizar a análise dos dados. Cabe aqui ao pesquisador confirmar o vínculo proposto ao participante, ficando à sua disposição, caso perceba que a entrevista gerou certo grau de mobilização emocional e, também, para criar o contexto da possibilidade de nova entrevista ou retorno ao participante, para confirmar dados obtidos e que não tenham ficado suficientemente claros.

Cumprido por fim, trazer à tona o tema de ética na aplicação da entrevista, aspecto este que foi sendo mencionando ao longo da discussão dos pontos propostos. Neste item, e estando ciente de que todo pesquisador tem uma responsabilidade ética em seu sentido mais amplo, por toda a execução de uma pesquisa com seres humanos, pretende-se trazer a reflexão sobre o aspecto da mobilização emocional que a aplicação de uma entrevista pode produzir. Considera-se que o pesquisador deve estar preparado para “conter as consequências de trazer à tona uma narrativa de uma história vivida”. Ao citar a mobilização emocional, alude-se ao mundo psíquico do indivíduo, que, quando exposto, pode ter desdobramentos inesperados quanto à sua expressão. Percebe-se na prática de pesquisa, que o aspecto

da mobilização emocional da entrevista pouco é mencionado e/ou pouco descrito nas dificuldades ou limitações da pesquisa.

V. CONCLUSÕES

O conjunto de reflexões apresentadas neste artigo, sobre a entrevista em profundidade ou semiestruturada, no campo da saúde e suas interfaces com a família e a comunidade, integrada nos três pontos de discussão propostos, decorrem de preocupações frente à produção de conhecimento no campo da pesquisa qualitativa. Teve por objetivo principal criar um campo de reflexão e de problematização de aspectos da entrevista que ficam, de certo modo, em seus bastidores, e que, quando não trabalhados, afetam a qualidade de emergência dos dados, sua análise e sua interpretação, à luz dos diferentes contextos que para ela confluem e que, por sua vez, podem perder a perspectiva ética de “cuidado com o outro”.

Cumpram também mencionar aqui que a potencialidade de uma entrevista em profundidade está também condicionada aos registros concomitantes em diário de campo, decorrentes da observação dos mesmos. Os dados advindos serão fundamentais para auxiliar na integração dos demais dados, cabendo aqui rigor e disciplina com relação à forma e ao conteúdo de registro e que, necessariamente, acompanharão “o fazer” numa pesquisa qualitativa. É na busca da potencialidade do instrumento que devem ser consideradas as características da entrevista em profundidade ou semiestruturada, assim como seu planejamento, sua construção e aplicação, respeitando os preceitos éticos a ela inerentes.

Por fim, conclui-se sobre a importância da necessidade de reconhecimento dos princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa. Isto é importante para a construção de uma posição epistemológica coerente ao longo do estudo, evitando, assim, cair numa espécie de “sincretismo epistemológico” que pode vir a colocar em xeque o processo de produção de conhecimento científico, em detrimento das potencialidades das diferentes possibilidades de abordagens metodológicas.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] P. Ricoeur. “Amor e Justiça”. Madrid: Carrapós Editores, 2001.
- [2] F. L. Gonzalez-Rey. “Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios”. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- [3] U. Bronfenbrenner. “Ecological models of human development”. International Encyclopedia of Education. Oxford: Elsevier, 1994.
- [4] J. I. R. Olabuénaga. “Metología de la Investigación Cualitativa”. Espanha: Universidad de Deust, 2009.
- [5] E. R. Turatto. “Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa”. Petrópolis: Vozes, 2008.
- [6] A. Straus and J. Corbin. “Pesquisa Qualitativa: Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada”. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- [7] G. Guest, A. Bunce, and L. Johnson. “How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability”. Field Methods, vol 18, pp. 59-82, 2006.
- [8] J. J. Francis, M. Johnston, C. Roberston, L. Glidewell, V. Entwistle, M. P. Eccles, and J. M. Grimshaw. “What is an adequate sample size? Operationalising data saturation for theory-based interview studys”. Psychology & Health, vol 25, pp. 1229-1245, 2010.
- [9] R. Ghiglione and B. Matalon. “O inquérito: Teoria e Prática”. Oeiras: Celta. pp. 306-347, 1993.
- [10] U. Flick. “Uma introdução à pesquisa qualitativa”. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- [11] M. Q. Patton. “Qualitative Research and Evaluation Methods”. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2001.
- [12] M. C. S. Minayo, “O Desafio do Conhecimento”. São Paulo: Hucitec, 2010.
- [13] P. Watzlawic., J.H. Beavin, and D. D. Jackson. “Pragmática da Comunicação Humana: Um Estudo dos Padrões, Paradoxos e da Interação”. São Paulo: Cultrix, 1973.
- [14] E. Rodrigues Filho, M. P. Machado, and C. O. M. Prudente. “Compreensão e legibilidade do termo de consentimento livre e esclarecido em pesquisas clínicas”, Revista de Bioética. Brasília, vol. 22, pp. 325-36, 2014.